

PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL: UMA TRISTE REALIDADE

Inácia Maria Rodrigues do Nascimento¹

Introdução

Com o fim da escravidão, o ‘negro’² foi abandonado à própria sorte, sem ter capital social³, ou econômico, passou a vagar pelas cidades. A tão sonhada abolição trouxe o desemprego; o ‘negro’, aprendia que precisava contar apenas com sua força de trabalho para sobreviver, e sustentar sua família, o antigo senhor, não aceitava sua condição de liberto, continuava a tratá-lo como escravo, o que gerava o abandono das fazendas e a procura por novos empregos.

A imigração europeia fez com que o ‘negro’, perdesse o privilégio de ser a mão-de-obra exclusiva, gerando uma concorrência desleal, atividades que antes eles desenvolviam como: o trabalho nas fazendas, o artesanato urbano, comércio de miudezas e de serviços, passaram a ser disputadas pelos ‘estrangeiros’⁴, ficou assim ainda mais difícil sua ascensão econômica.

Enquanto o ‘negro’ não conseguia ascensão nem econômica nem social, vivia a margem da sociedade, em uma situação de inferioridade, onde muitos morriam de fome, sem ter onde morar. O homem ‘branco’ da camada dominante progredia e melhorava sua situação econômica, aumentando seu prestígio e poder; até o imigrante estrangeiro conseguia conquistar riquezas e prestígio social, só para o ‘negro’ que as oportunidades de progredir nunca se efetivaram.

Segundo Elias (2000, p. 22) a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que esse último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar.

No Brasil determinar a cor de uma pessoa é difícil, o status social faz com que uma pessoa embranqueça ou não, na auto atribuição de cor; muitas vezes as pessoas se classificam mais claras do que são, se utilizam da sua cor de acordo com o interesse

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, Pedagoga da Secretaria de Estado de Educação, innascimento@bol.com.br

² Essa palavra será usada entre aspas, toda vez que se referir ao escravo, ou quando se referir ao sentido de cor da pele, fora dessa conotação usarei o termo afro descendente ou afro-brasileiro.

³ O capital social é o conjunto de recursos atuais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de intercâmbio e de Inter reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação de um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 1998, p. 67)

⁴ Esta palavra será usada para se referir ao imigrante europeu.

momentâneo, se tiver um status elevado ao invés de se denominar ‘negro’ usará a denominação morena.

Um brasileiro nunca é meramente um ‘branco’ ou um ‘homem de cor’; ele é um homem branco rico e bem educado ou um pobre e mal educado homem branco; um homem de cor rico e educado ou um pobre e mal educado homem de cor. O produto desta qualificação pela educação e pelos recursos financeiros determina a identidade de classe de alguém. É a classe e não a raça de uma pessoa que determina a adoção de atitudes subordinadas ou superordenadas entre indivíduos específicos, em relações face a face. [...] Não há grupos raciais contra os quais ocorra discriminação. Há, ao contrário, grupos de classe. A cor é um dos critérios da identidade de classe, mas não é o único critério. (GUIMARÃES, 2005, p. 111-112)

Para Guimarães (apud PIERSON, 2005, p. 104), [...] no Brasil ‘cor’ significa mais que simples cor, isto é, mais do que pigmentação, [significa] inclusive, em primeiro lugar, [a presença] de um certo número de outras características físicas: tipo de cabelo (talvez o mais importante), assim como os traços fisionômicos.

Estatisticamente foram adotados cinco termos raciais, pela maioria dos estatísticos, para designar a cor das pessoas: branco, pardo, preto, indígena e amarelo/asiático. Essas cores são utilizadas nos censos demográficos, nas pesquisas feitas pelo IBGE.

Devemos ter clareza que a terminologia da cor é altamente subjetiva, um mesmo indivíduo pode ser visto de maneira diferenciada, para um pode ser ‘preto’, para outro ‘moreno’, dependendo do seu status, da sua presença ou ausência no momento em que se fala.

O mito da democracia racial⁵ baseia-se na dupla mestiçagem biológica e cultural, entre as “raças originárias”⁶, exaltando uma convivência harmoniosa entre todos os indivíduos, independente de sua camada social ou étnica. Afirmar que existe entre os grupos raciais, uma situação de igualdade, de oportunidade e de tratamento. Pretende, assim de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil e, de outro, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo étnico, mantendo,

⁵ Democracia racial foi um termo criado durante a ditadura varguista, para nos incluir no mundo dos valores políticos universais, precisa agora ser substituída pela simples democracia, que inclui a todos sem menção a raças. Estas, que não existem, fariam melhor se não a mencionássemos como ideal como o que deve ser reservando-as para denunciar o que não deveria existir (o racismo). (GUIMARÃES, 2002, p.168)

⁶ Raças originárias aqui significam branco, negro e índio.

dessa maneira, as relações de dominação.

Esse mito foi associado à obra literária de Gilberto Freire, nas décadas de 1930 e 1950. Suas publicações, dentre elas a mais conhecida *Casa-Grande & Senzala*, publicada em 1933, reproduzia a imagem de uma sociedade harmônica e integrada afetiva e sexualmente. Ele apoiava seu raciocínio no fato de que o Brasil não possuía leis em que o negro era formalmente discriminado, como existia nos Estados Unidos, mas isso não significava que o negro era tratado da mesma maneira que o branco. (GOMES, 2005)

Para Munanga (2008, p. 76), a grande contribuição de Freyre é ter mostrado que negros, índios e mestiços tiveram contribuições positivas na cultura brasileira: influenciaram profundamente o estilo de vida na comida, indumentária e sexo.

Freyre via a mestiçagem de forma positiva, e dessa ideia de dupla mistura, brotou lentamente o mito de democracia racial.

Esse mito é aceito por muitas pessoas na sociedade contemporânea, é idealizado, transformado no sonho de se ter uma sociedade melhor, mais justa e menos discriminatória, onde todos tenham os mesmos direitos, independente da sua cor, status social, religião e opção sexual.

Durante muito tempo ‘raça’ significou “um grupo ou categoria de pessoas conectadas por uma origem comum” Foi nesse sentido que o termo passou a ser empregado, na maioria das línguas europeias, a partir do século XVI. Já a partir do século XIX as teorias poligenistas nas quais a palavra “raça passou a ser usada no sentido de tipo, designando espécies de seres humanos distintos tanto *fisicamente* quanto em termos de capacidade mental” depois que essas teorias perderam vigência, ‘raça’ passou a significar “subdivisões da espécie humana distintas apenas porque seus membros estão isolados dos outros indivíduos pertencentes à mesma espécie”. (BANTON, apud, GUIMARÃES 2005, p. 23).

O termo ‘raça’ passou a ser utilizado para diferenciar um grupo de pessoas que em uma determinada sociedade é definido socialmente como diferente de outro grupo em virtude de algumas diferenças físicas como a cor da pele, aparência física, etc. Para alguns autores na ausência de marcas físicas, esses grupos deveriam ser chamados de étnicos.⁷

Muitos intelectuais são contrários a manutenção do termo ‘raça’ em nosso

⁷ No dizer de Eriksen (1993, p. 5), a “etnicidade” pode assumir várias formas, e, posto que as ideologias étnicas tendem a enfatizar uma descendência comum, a diferença entre raça e etnicidade torna-se problemática. (GUIMARÃES, 2005, p. 24)

vocabulário, dentre eles Gilroy, um dos mais brilhantes intelectuais negros do nosso tempo, segundo Guimarães (2002, p. 48), algumas de suas razões são: 1 - no tocante à espécie humana, não existem 'raças' biológicas, ou seja, não há no mundo físico e material nada que possa ser corretamente classificado como 'raça'; 2 - o conceito de 'raça' é parte de um discurso científico errôneo e de um discurso político racista, autoritário, antigalitário e antidemocrático; 3 - o uso do termo 'raça' apenas reafirma uma categoria política abusiva.

Existem aqueles que são favoráveis a utilização do termo 'raça', como por exemplo, Guimarães (2002, p. 50), para ele, 'raça' é não apenas uma categoria política necessária para organizar a resistência ao racismo no Brasil, mas também uma categoria analítica indispensável: a única que revela que as discriminações como as desigualdades em que a noção de 'cor' é utilizada são efetivamente raciais e não apenas de 'classe'.

A discriminação racial atingiu seu pico em 1933, quando um grupo de parlamentares liderados por Miguel Couto, encaminhou uma proposta de emenda constitucional, defendendo uma orientação branca, cristã e nacionalista para a imigração, visava três princípios básicos: a raça, religião e a sociedade.

A proposta foi aprovada por unanimidade, o negro e o japonês passaram a ser indesejados para a formação de uma sociedade eugenicamente sadia, educada e feliz. Como essa proposta racista provocou protestos do embaixador do Japão no Brasil, mudaram a proposta inicial para uma de cotas, nela seriam aceitos 2% do total de pessoas de cada país, fixados no Brasil nos últimos cinquenta anos.

A Constituição, também proibia a concentração de imigrantes estrangeiros, em qualquer lugar do território nacional, para dessa maneira evitar a formação de quistos raciais.

No governo Vargas foram reservadas vagas no mercado de trabalho urbano para os brasileiros⁸, (lei dos 2/3), fato esse que reforçou as migrações internas, e fez com que muitos nordestinos se dirigissem ao Sudeste e Sul.

Essa migração desencadeou muita competição em relação ao mercado de trabalho e provocou o estranhamento das diferenças culturais, que foram responsáveis pelos estereótipos regionais negativos de baianos, paraibás e nordestinos, e nacionais portugueses, já que os portugueses gozavam dos mesmos privilégios dos nacionais. (GUIMARÃES, 2002)

⁸ Esse tipo de ação é conhecida hoje como política de ação afirmativa.

Foi devido a essa Lei que o ‘negro’ entrou no trabalho fabril, e isso fez com que o ‘negro’ gostasse de Getúlio Vargas, pensava que ele era o responsável pelo fim do preconceito nas fábricas, mas o que aconteceu, foi que com a proibição de contratação nas fábricas de imigrantes estrangeiros, que só podiam ocupar 1/3 dos postos de trabalho, e como as fábricas estavam em plena expansão, faltou mão-de-obra, a única saída foi abri-las para o trabalho ‘negro’, o que indiretamente, não deixa de ter sido proveniente da Lei criada por Getúlio Vargas, que graças a isso acabou com o preconceito de sua contratação.

O preconceito é baseado no racismo⁹, ou seja, é o modo que um grupo de pessoas utiliza a ‘raça’, e considera a sua ‘raça’ superior a do outro, desse modo julga, o ‘negro’ feio, menos inteligente, preguiçoso, etc. Essas pessoas são popularmente chamadas de preconceituosas em relação à cor.

A ideia de cor é afetada pela estrutura de classe (o dinheiro e a educação embranquecem), ou seja, existe entre eles uma relação com o poder.

Segundo Guimarães (2002), foi Da Matta que cunhou a expressão ‘racismo à brasileira’ ou como o senso comum chama ‘racismo cordial’, ambas as expressões revelam as contradições existentes nas relações sociais brasileiras, o mito da democracia racial se mantém, fazendo com que a ideia de harmonia racial permaneça, mesmo reconhecendo a existência do preconceito.

A denominação “preconceito racial” é particularmente adequada. A aversão, desprezo ou ódio que os membros de um grupo estabelecido sentem pelos de um grupo outsiders, assim como o medo de que um contato mais estreito com esses últimos possa contaminá-los. (ELIAS, 2000, p. 32)

Os insultos são maneiras que as pessoas utilizam para humilhar o ‘outro’, normalmente se utilizam do estado de pobreza, da anomia¹⁰ social, da sujeira e da animalidade. O objetivo é fazer com que o ‘outro’ sinta-se inferiorizado, discriminado e

⁹ Racismo é referido como uma doutrina que prega a existência de raças humanas, com diferentes qualidades e habilidades, ordenadas de tal modo que as raças formem um gradiente hierárquico de qualidades morais, psicológicas, físicas e intelectuais. Mesmo entre os que aceitam esta acepção de racismo *qua* doutrina, pode-se, ainda, distinguir aqueles para quem a simples crença em raças humanas já constitui racismo e aqueles outros para quem tal crença é tida apenas como *racialismo*, chamando esses últimos de racismo tão-somente as doutrinas que pregam a superioridade ou inferioridade das raças. Além de doutrina o racismo é também referido como sendo um corpo de atitudes, preferências e gostos instruídos pela ideia de raça e de superioridade racial, seja no plano moral, estético, físico ou intelectual. (GUIMARÃES, 2004, p. 17)

¹⁰ Anomia aqui é identificada como um caos desprovido de estrutura ou como uma conduta desordenada. (ELIAS, 2000, p. 192)



dessa maneira acabe por interiorizar uma postura de subordinação.

Observamos isso nas discussões em que as pessoas usam termos como: ‘negro’, ‘cadela’, ‘vaca’, ‘sem vergonha’, ‘vagabundo’, ‘sapatão’, ‘fedorenta’, ‘favelada’, dentre outras expressões utilizadas para estigmatizar.

Na pesquisa, encontramos muitas vezes o insulto, de diferentes maneiras. Precisamos entender que insultar é uma maneira de exteriorizar um preconceito durante um conflito, ou pode simbolizar uma maneira cordial entre amigos, um grau de intimidade, quando utilizados por amigos, para indicar um grau de intimidade, de informalidade e total confiança entre as partes; também pode ser utilizados por pessoas em forma de brincadeira, sem a intenção de humilhar ou estigmatizar.

Nesse trabalho foi utilizada a observação participante, questionário e a análise de documentos. O objetivo do trabalho era entender o sentido de raça, etnicidade, preconceito e discriminação no contexto escolar tendo como disparador a Lei 10.639/2003. Partindo disso iremos primeiro conhecer o trabalho desenvolvido na escola e seu cotidiano, a final queremos fatos rotineiros que acontecem no dia-a-dia.

A pesquisa foi desenvolvida em dois colégios, no Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela, situado na rua Maria Adolfina Costa, nº 65 (Colégio A) e na Escola Dr^a Maria do Carmo Alves (Escola B), situada na avenida Caçula Barreto, S/Nº, ambos no Bairro Farolândia. Elaboramos um diário de campo com base nas observações coletadas no ano de 2009. No Colégio A, essas observações foram realizadas diariamente nos meses de fevereiro a junho e depois participamos dos eventos que a escola promovia, durante o ano letivo. Na Escola B, a pesquisa aconteceu diariamente de agosto a dezembro.

As observações levantaram duas questões que precisávamos aprofundar: Se na escola veem ‘raça’ relacionando com a cor da pele e/ou ao grupo étnico a que pertencem? Se o preconceito e discriminação que acontecem nas escolas estão relacionados à classe social e ao status?

Precisávamos entender realmente como tais assuntos eram vistos na escola, por isso elaboramos um questionário com três perguntas: O que é racismo? O que significa ser negro? Você já sofreu ou presenciou alguma cena de discriminação? Esse questionário foi aplicado com os professores e alunos.

Observamos que as maiorias dos alunos que abandonam os estudos são afrodescendentes, fato esse que nos chamou a atenção. Por que será que abandonam a escola? Vimos às situações acima de desmotivação, necessidade de trabalhar, cuidar dos

filhos, etc. Mas ao observarmos de perto também percebemos a existência de discriminação e preconceito.

As “brincadeiras”¹¹, discriminatórias são comuns no ensino fundamental, utilizam termos como cafezinho, cabelo de Bombril, pixaim, neguinho, etc. Conforme relato de um aluno: *“Sempre batem na minha cabeça e de um colega de cabelo ruim, daí dizem: Bom na minha cabeça e Bril na dele, isso me deixa triste, gostaria de ter cabelo liso, mas menino não alisa cabelo isso só as meninas fazem”*.

Isso faz com que os alunos discriminados percam a vontade de ir à escola. O adolescente agredido sente-se inferior inculcando tais ações, calando-se diante da agressão, o que contribui para o baixo rendimento na escola, esses alunos costumam faltar muito e conseqüentemente possuem um baixo rendimento escolar.

Professora, eu não gosto de vir pra escola não, tem sempre brincadeiras bobas e ninguém faz nada, se reclamar a gente escuta: deixe isso pra lá, não ligue, mas ninguém faz nada, às vezes conversam com o menino que apelida, mas ele diz que não vai fazer mais, e continua tudo do mesmo jeito (Informação verbal)¹².

Esses tipos de brincadeiras racistas acabam tornando permissíveis diferentes tipos de comportamentos verbais ofensivos e condutas que ameaçam os direitos individuais. O que segundo Guimarães (2002), “trata-se de um racismo às vezes sem intenção, às vezes ‘de brincadeira’, mas sempre com conseqüências sobre os direitos e as oportunidades de vida dos atingidos”.

O professor não percebe a discriminação e quando os alunos reclamam os mandam para sala da equipe técnica ou direção, lá os alunos que discriminam dizem que é uma brincadeira, e os que sofreram a agressão se calam a postura da direção e equipe e pedir para não brincar mais.

Os alunos que estigmatizavam viam o racismo e a discriminação como brincadeiras, os que eram discriminados como brincadeiras bobas, que não deveriam acontecer, eram discriminados por morarem em invasões, não terem os mesmos objetos dos outros. O preconceito seria por status.

Em relação aos professores o preconceito e discriminação aconteciam pelo mesmo fato, em nenhum momento percebemos que seria relacionado à cor da pele, os professores

¹¹ Termo utilizado pelos alunos que apelidam o outro, quer seja pela cor da pele, dificuldades ou deficiências.

¹² Depoimento de um aluno do Colégio A, registrado no diário de campo durante a pesquisa.

nos intervalos conversavam mais com os que possuíam o mesmo nível econômico e com os alunos de maior poder aquisitivo.

O dia 20 de novembro faz parte do calendário escolar como o dia da consciência negra. Nessa semana, são trabalhadas a história e cultura africana através de cartazes e pesquisas, no turno noturno, são realizadas palestras que abordam a discriminação.

Precisamos pelo menos nessa data divulgar a História e cultura africana, já que no dia-a-dia isso é impossível, temos só duas aulas e inúmeros conteúdos para ministrar no Ensino Médio, já no Fundamental, temos 5 aulas, mas também é difícil, pelo menos nas minhas aulas de Português os alunos leem, e como leem mal, preciso tomar a leitura individualmente, fazer ditados e como as salas são numerosas é muito difícil trabalhar com a diversidade. Pelo menos nessa data os alunos pesquisam, confeccionam cartazes e aprendem sobre o sincretismo religioso, dessa forma deixam de ver as religiões afro, como seitas demoníacas (Informação verbal) ¹³

A História e cultura africana e afrodescendente resumem-se há um dia no ano, no decorrer do ano apenas as séries que possuem o assunto no livro didático estudam sobre a África, no Ensino Fundamental veem o período da escravidão e um pouco da cultura africana, já no Ensino Médio muitas vezes não estudam o continente africano, existe uma preocupação com o vestibular e tal continente não é abordado pela Universidade.

Na aula de Religião, estudam-se todas as religiões, menos a religião afro, existe uma discriminação por parte de todos que veem o candomblé como macumba, dessa maneira os professores preferem não comentar e quando o fazem são criticados pelos pais e alunos.

Foram aplicados 26 questionários abertos para professores e alunos sendo 14 para o Colégio A e 12 para a Escola B. O questionário em nenhum momento teve a intenção de identificar as pessoas que o respondiam, por isso foi deixado na escola e solicitado para um professor que aplicasse nos alunos e professores, depois para ele recolher e deixar na secretária, em nenhum momento o pesquisador teve contato com as pessoas que responderam, dessa maneira se pretendia deixar as pessoas seguras para escreverem o que quisessem, tendo a certeza do seu anonimato.

No questionário pedíamos os dados das pessoas que respondiam, para podermos

¹³ Depoimento de uma professora do Colégio A, registrado no diário de campo durante a pesquisa.

tabular, perguntamos a idade, sexo, etnia e se era aluno ou educador. As perguntas feitas foram: O que é racismo? Você já sofreu ou presenciou alguma cena de discriminação.

Análise dos dados encontrados nos questionários

O público que respondeu o questionário, dos 26 questionários: 16 foram respondidos por alunos de turmas aleatórias e 10 por professores; a maior faixa etária foi entre 17 e 18 anos entre os alunos, e de 40 a 49 entre os professores, o público maior foi o do sexo feminino; em relação à proporção com a idade observamos que as pessoas da Escola B, têm idades superiores a do Colégio A, devido ao tipo de ensino que ministram e a defasagem escolar ser maior nessa escola; quanto à etnia 'cor', as respostas foram espontâneas, observamos que foram utilizadas as classificações feitas nos censos demográficos (branca, preta, parda), aqui utilizada a classificação negra ao invés de preta, a maioria das pessoas, de ambos os estabelecimentos, se identificaram como pardas, exceto duas da Escola B, que se identificaram como morenas.

Segundo Guimarães (2005, p. 128) 'moreno' passa a agrupar desde o branco de tez queimada e cabelos pretos, até as pessoas de cor, em posições sociais de destaque. Já Sansone (2003), acredita que se utiliza a classificação morena devido à popularidade da palavra, utilizada em músicas populares. Ele analisa a forma como a pessoa se auto identifica da seguinte maneira: "Chamar a si mesmo de negro, preto, pardo ou escuro não depende unicamente da cor, mas também da idade e, até certo ponto, do nível de instrução".

Observamos também que o número de pessoas da Escola B que não quis se classificar foi maior ao do Colégio A. Mas no conjunto de respostas pudemos identificá-las como sendo negras ou pardas.

Para analisarmos as tabelas abaixo dividimos as respostas dos questionários em categorias, dessa forma juntamos as mais próximas e iremos explaná-las de acordo com o estabelecimento e função (aluno ou professor).

Tabela 1 – O que é racismo?

Categorias	Colégio A			
	Aluno	Professor	Alunos	Professor
Preconceito	02	02	20%	50%
Jurídico	-	-	-	
Intolerância/discriminação	03	02	30%	50%
Classe Social	01	-	10%	-
Étnico/cor	04	-	40%	-
Total	10	04	100%	100%

Fonte: Questionário

Tabela 2 – O que é racismo?

Categorias	Escola B			
	Aluno	Professor	Aluno	Professor
Preconceito	01	01	17%	17%
Jurídico	01	01	17%	17%
Intolerância/discriminação	-	01	-	17%
Classe Social	01	02	17%	33%
Étnico/cor	03	01	50%	17%
Total	06	06	100%	100%

Fonte: Questionário

As duas tabelas a 1 e 2 analisam a pergunta: O que é racismo? Na tabela 1 observamos que os alunos do Colégio A classificam: 40% em relação à etnicidade (mais claramente em relação à cor da pele). “É discriminar uma pessoa por causa da sua cor”. “É uma pessoa que não aceita outra pessoa de cor diferente da dela.”; 30% como intolerância/discriminação: “Por motivos inadequados por achar que pode ser melhor”. “É a ideia da existência da sub-raça, raça humana”. 20% como preconceito: “É um tipo de discriminação ao próximo, seja ele negro, gordo ou magro”. “Preconceito, discriminação, hoje melhorou muito, ruim era no tempo da escravidão, mas tem muitas pessoas que tem racismo e sofre por ele”. 10% classe social: “Discriminação racial quanto uma pessoa ou um grupo determinado de pessoas”.

Os professores do Colégio A, classificaram com um percentual de 50% em relação ao preconceito: “É o sentimento de discriminação de um povo”. “É toda forma de preconceito a pessoas que tem cor, cultura e até mesmo ideologia diferente a de outra pessoa”. 50% como intolerância/discriminação: “Refere-se a pessoas que defendem a superioridade de sua raça em relação a outras raças”. “Toda forma de intolerância

contra etnias diferentes em relação a cor, culturas e comportamentos. Racismo é crime inafiançável, mas mesmo assim ainda nos deparamos com toda forma de preconceito em vários espaços sociais”.

Na tabela 2 os alunos da Escola B classificaram racismo da seguinte maneira: 50% como étnico/cor: *“Racismo é um preconceito contra as pessoas negras eu acho uma falta de respeito para contra a cor das pessoas”.* *“É um preconceito com a pessoa de pele negra”.* *“Preconceito com outras pessoas”.* 17% em preconceito e em jurídico: *“É ter preconceito contra outra pessoa”.* *“É uma pessoa que tem preconceito com a pele negra e que pode ser até preso por causa disso”.* 17% em classe social: *“Racismo é um preconceito que geralmente acontece pela raça, cor e dificuldades, para ter trabalho e para se acomodar em diferentes lugares”.* Já os professores classificaram: 33% em classe social: *“É todo e qualquer tipo de preconceito contra o ser humano, quando a sua etnia (cor) é considerada inferior em relação aos demais”.* *“Discriminação racial, inferioridade de certas raças, que algumas pessoas têm”.* 17% em preconceito, em jurídico e em intolerância: *“É uma forma vergonhosa de preconceito”.* *“É quando um ser humano tem preconceito e discrimina um cidadão de pele escura, cometendo racismo, até porque o mesmo é crime.”* *“É a doutrina que defende a pretensa superioridade de certas raças humanas. Achando que as demais são inferiores. Como exemplo, temos: as manifestações que ocorreram de forma desumana na Alemanha nazista. No Brasil o racismo é crime”.*

Observamos que para a maioria dos alunos o racismo incide sobre a ‘cor da pessoa’ enquanto que para os professores, existiu uma diferença entre o colégio A, que incidiria sobre a intolerância/discriminação e preconceito; na Escola B, sobre a classe social.

Categorias	Colégio A			
	Alunos	Professores	Alunos	Professores
Classe social	-	01	-	25%
Gênero	-	01	-	25%
Preconceito	04	01	40%	25%
Étnico 'cor'	01	-	10%	-
Religioso	-	-	-	-
Jurídico	-	-	-	-
Democracia racial	-	-	-	-
Não respondeu	05	01	50%	25%
Total	10	04	100%	100%

Fonte: Questionário

Tabela 4 – Você já sofreu ou presenciou alguma cena de discriminação?

Categorias	Escola B			
	Alunos	Professores	Alunos	Professores
Classe social	01	-	17%	-
Gênero	-	-	-	-
Preconceito	-	03	-	50%
Étnico 'cor'	01	-	17%	-
Religioso	-	01	-	17%
Jurídico	01	-	17%	-
Democracia racial	01	-	17%	-
Não respondeu	02	02	33%	33%
Total	06	06	100%	100%

Fonte: Questionário

As tabelas 3 e 4 analisaram se a pessoa sofreu ou presenciou alguma cena de discriminação. O resultado obtido nas respostas do Colégio A dos alunos foi: todos que responderam já viram ou sofreram alguma cena de preconceito, desses 40% relacionados ao preconceito/discriminação: “*Sim, no nosso dia-a-dia*”. “*Sim, num campo de futebol, foi uma cena foi uma cena que não desejo presenciar nunca mais*”. “*Já vi mais não dá pra contar porque o espaço é pouco e o tempo não dá*”. 10% relacionados à etnicidade ‘cor’: “*Sim de uma pessoa branca com uma pessoa de cor mais escura*”. 10% como racial: “*Não sofri, mas já presenciei*”. Em relação aos professores a maioria já sentiram ou presenciaram uma cena de discriminação. Todos os três que responderam pontuaram um

tipo que irei explicitar: 25% em relação a classe social: *“Várias cenas de discriminação são comuns no nosso dia-a-dia principalmente de forma indireta. Já sofri momentos de preconceito em relação a minha condição social e ao meu sobrenome “Silva Santos”, uma vez que em Sergipe ainda existe essa questão de pertencer ou não a determinada família. Aquela velha pergunta: Você é filha de quem? Outras situações de preconceito presenciei dentro mesmo da escola. Já percebi que professores que se “apresentam” melhor em termos de vestuário também são melhores tratados. A lista é longa dos preconceitos latentes em nossa sociedade, mas ficarei por aqui”*.

Nessa resposta a professora deixou claro que o preconceito existente dentro da escola é em relação ao status, ao modo de se vestir, normalmente na sociedade as pessoas que possuem um maior poder aquisitivo e boa aparência, recebem um melhor tratamento.

Outra categoria preconceito: “Sim e não colaboro com tal atitude”. e com 25% a de gênero: *“A discriminação está infelizmente presente no nosso dia-a-dia, seja racial, social, religiosa, sexual, cultural, etc. Por incrível que pareça uma das maiores discriminações é em relação à mulher, por parte de alguns “homens”, que tratam a mulher como inferior”*. Essa resposta refere-se a uma discriminação que durante muito tempo a mulher sofreu, a sociedade impunha a mulher à função de dona de casa, mãe de família e esposa.

Na Escola B em relação à mesma pergunta se já sofreu ou presenciou alguma cena de discriminação, tivemos as seguintes categorias nas respostas dos alunos: 33% dos alunos não responderam; a metade afirma já ter visto ou sofrido: foram classificadas como: 17% democracia racial: *“Sim, é uma falta de respeito a discriminação com pessoas negras, isso pra mim negro, branco, pardo, etc., quando morrer vai pro mesmo buraco, então isso pra mim é uma falta de respeito”*. 17% étnico ‘cor’: *“Já, tem nojo de ficar perto dela e disse que ela não dava pra ser amiga dela porque ela era negra”*. Esse tipo de discriminação para Guimarães (2002, p. 82), quando a ambiguidade existe entre membros de grupos raciais diferentes (brancos e pretos), mas membros de uma mesma classe social (pobres), a situação de ambiguidade mostra apenas a ambiguidade das pertencas de classe e de “raça”. Dos que nunca sofreram nem presenciaram as respostas foram classificadas nas categorias: 17% jurídica: *“Nunca sofri e nem presenciei nenhuma cena de racismo. Se algum dia eu presenciar, eu denunciarei”*. 17% classe social: *“Não pessoalmente, mas em novelas já vi muitas, eu acho que com preconceito o mundo não vai para frente nunca. Ser negro é ter oportunidades”*. Em relação aos professores as respostas foram: 50%

preconceito: “*Sim, várias, por motivos e tipos inaceitáveis*”. “*Nunca sofri nem presenciei cenas de discriminação*”. “*Sim afinal o racismo continua de forma desfocada*”. 17% religioso: “*Não nunca, agradeço a Deus pelo lar onde convivi e pela minha religião*”.

Considerações Finais

Concluimos essa pesquisa analisando o sentido de raça, etnicidade, preconceito e discriminação no contexto escolar, tendo como disparador a Lei 10.639/2003.

Nas duas escolas existem discriminações e preconceitos, no colégio A ficou evidenciado que se trata de uma discriminação de status, os alunos que possuem um poder aquisitivo menor são estigmatizados, o mesmo acontece em relação aos professores, aqueles que vão mal vestidos e não possuem um carro são discriminados, não de uma maneira aberta, mas discretamente, sempre deixados de fora das conversas e das reuniões fora da escola. Já na escola B a discriminação e o preconceito não deveriam ser de status, já que a maioria dos alunos mora em invasões, no entanto essa discriminação existe, percebemos que entre os alunos o fato de levar lanche já é um diferencial, em relação aos professores a discriminação é pelo nível de escolarização e consequentemente pela classe social.

Não temos a pretensão de apontar soluções, apenas queremos com esse trabalho levantar questões que acontecem diariamente no contexto escolar e que muitas vezes não percebemos, a escola precisa urgentemente de uma reestruturação. Como fazer isso? Não temos uma receita, mas vemos na implementação da Lei 10.639/2003, e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, um caminho, elas poderão ajudar a construir espaços múltiplos, em que a educação deixará de ser somente a europeia, e todas as culturas passaram a ter o mesmo espaço e importância no cotidiano escolar, dessa forma a educação será multirracial e o preconceito poderá diminuir.

Referências

BOURDIEU, Pierre. O capital social. In: NOGUEIRA, Maria A. e CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes. 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Edição Atualizada, 2007.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil. In: CAVALLEIRO, Eliane; SANTOS, Sales Augusto dos (Org.). **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639/03.** Brasília: MEC/Secad, 2005. p. 83-96. (Coleção Educação para Todos).

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Classes, raças e democracia.** São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Preconceito e discriminação.** São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2004.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil.** São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANSONE, L. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil.** Tradução Vera Ribeiro. Salvador: Edufba/Pallas, 2003.